

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LASEB  
CURSO: PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Juliana Alves Moreira

COMPARTILHANDO VIVÊNCIAS: qualificando o acesso e o uso da biblioteca  
escolar para os alunos da Educação de Jovens e Adultos

Belo Horizonte  
Dezembro de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LASEB  
CURSO: PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Juliana Alves Moreira

COMPARTILHANDO VIVÊNCIAS: qualificando o acesso e o uso da biblioteca  
escolar para os alunos da Educação de Jovens e Adultos

Trabalho final de curso apresentado como  
requisito parcial para obtenção do título de  
especialista em Processos de Alfabetização e  
Letramento da Faculdade de Educação da  
UFMG orientado pelo Prof. Dr. Carlos Augusto  
Novais.

Belo Horizonte  
Dezembro de 2019

M835c  
TCC

Moreira, Juliana Alves, 1979-

Compartilhando vivências [manuscrito]: qualificando o acesso e o uso da biblioteca escolar para os alunos da Educação de Jovens e Adultos / Juliana Alves Moreira. - Belo Horizonte, 2019.  
59 f., il.

Orientador: Carlos Augusto Novais.

Trabalho de conclusão de curso - (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.  
Inclui bibliografia, apêndices e anexos.

1. Leitura. 2. Alfabetização. 3. Letramento. 4. Bibliotecas escolares.  
5. Educação de adultos.

I. Título. II. Novais, Carlos Augusto. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 374.012

**Catálogo da Fonte<sup>†</sup> : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)**

Bibliotecário<sup>†</sup>: Albert Torres CRB6 2582  
(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma  
e na diagramação gráfica da ficha catalográfica<sup>‡</sup>.)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
Curso de Especialização em Formação de Educadores para  
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO SEXCENTÉSIMO QUINQUAGÉSIMO NONO TRABALHO FINAL DO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “Compartilhando vivências: qualificando o acesso e uso da biblioteca escolar para os alunos da Educação de Jovens e Adultos”, do(a) aluno(a) Juliana Alves Moreira A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Carlos Augusto Novais (orientador) e Leila Cristina Barros Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho APROVADO, atribuindo-lhe a nota 90, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) \_\_\_\_\_

Juliana Alves Moreira

Registro na UFMG:

\_\_\_\_\_  
Carlos Augusto Novais

Carlos Augusto Novais  
Professor(a) Orientador(a)

\_\_\_\_\_  
Leila Cristina Barros

Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

\_\_\_\_\_  
Ana Maria de Castro Rocha  
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização  
Em Formação de Educadores para Educação Básica

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à direção da Escola Municipal Presidente Itamar Franco, nas pessoas de Hélia, amiga de mais longa data e gestora ímpar, ao João, em sua plena simpatia, comprometimento e profissionalismo.

Agradeço especialmente ao Tiago, assistente da biblioteca do 3º turno, pela parceria estabelecida durante a realização de todo projeto: sem este trabalho em conjunto o projeto não seria viável. Saudações no mais fraterno sentimento alvi-negro.

Agradeço às professoras das turmas, com especial carinho à Leiciane – Português – e Anita – Matemática: valeu super a pena meninas!!!

Agradeço aos alunos, que, em suas buscas pelo “saber as letras”, pela “leitura” abraçaram mais esta iniciativa.

Agradeço pela companhia e pelo aprendizado às colegas da turma de Alfabetização e Letramento do Laseb e, a viabilização, que seja constante pela Smed, de cursos de formação na área de educação que envolvam para além dos professores.

Agradeço, por fim, a todos os convidados para as rodas de leitura: que possamos nos encontrar em outros e felizes momentos.

... aprendizagem é a palavra que, ela sim, ramifica e  
desramifica uma pessoa; ela enlaça, abraça;  
mastiga um alguém cuspendo-o a si mesmo,  
tudo para novas géneses pessoais.  
estas palavras são, elas sim,  
para pessoas que se autorizam  
constantemente aprendizagens. modos.  
maneiras. viveres. até sangues.  
aprender não é repensar-se?

EUGÉNE IONESCO, A busca intermitente

## RESUMO

Este trabalho tem origem no Plano de Ação que se orientou para a qualificação do acesso e uso da biblioteca escolar para os alunos da Educação de Jovens e Adultos - EJA a partir dos pressupostos da alfabetização, letramento e leitura como prática social que se efetiva em momentos de vivência e convivência como preconizado em Britto (2012), Rigoletto e Di Giorgi (2009) e Soares (2017). Objetivou, também, o ensino/aprendizagem da leitura e do leitor de forma parceira, ou seja, integrada à sala de aula para situar, organizar e potencializar o acesso e uso da biblioteca escolar no contínuo movimento aludido por Arena (2009) de ensinar a ler e ensinar a leitura. Constituiu-se, ainda, como desafio prático oriundo dos apontamentos da dissertação de mestrado que concluí em 2015, para propor e efetivar uma prática mediadora bibliotecária que seja mais pedagógica e educativa. Os momentos de vivência e convivência foram organizados em 5 distintas rodas de leitura, definidas a partir do plano de aula da professora de português e literatura das 5 turmas de uma escola municipal de Belo Horizonte. Intercaladas com a apuração dos questionários inicial e de avaliação aplicados, bem como com os atendimentos efetuados no intervalo semanal das rodas previamente agendadas, foi possível observar mudanças quanto às possibilidades de acessar e utilizar o espaço da biblioteca escolar. Os participantes, que muito raramente recorriam à biblioteca para a tradicional realização de empréstimos de livros literários ou para visitas esporádicas tutoradas pelo professor, reagiram positivamente à proposta e puderam experimentar uma ação mais qualificada de acesso e uso da biblioteca escolar.

Palavras-chave: Leitura; Biblioteca Escolar; Alfabetização e Letramento; Mediação Bibliotecária; Educação de Jovens e Adultos; EJA.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	–	Assistente Administrativo Escolar
BPIJBH	–	Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte
CRAS	–	Centro de Referência em Assistência Social
ECI/UFMG	–	Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais
EJA	–	Educação de Jovens e adultos
EMPIF	–	Escola Municipal Presidente Itamar Franco
EMPIS	–	Escola Municipal Professora Isaura Santos
LIBES	–	Base brasileira de literatura em biblioteca escolar
PNBE	–	Programa Nacional Biblioteca da escola

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	9
1.1 Apresentação.....	9
1.1.1 A construção da proposta.....	10
1.1.2 O locus de atuação: Escola Presidente Itamar Franco .....	15
1.1.4 A Biblioteca William Shakespeare .....	18
1.2 Justificativa .....	20
1.3 Memorial .....	21
1.4 Metodologia .....	24
1.5 Objetivos.....	27
2. O PERCURSO .....	27
2.1 Uma revisão bibliográfica.....	27
2.2 Descrição e análise das atividades.....	31
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	51
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	54
5. APÊNDICES.....	56
6. ANEXOS.....	58

## **1. INTRODUÇÃO**

A proposta de Análise da Prática Pedagógica – ACPP – que se verá a seguir teve como objetivo de pensar, planejar e realizar um acesso e o uso qualificado da biblioteca escolar para os alunos da Educação de Jovens e de Adultos – EJA. Essa qualificação foi organizada a partir dos pressupostos da leitura, alfabetização e letramento que destacamos, especialmente, em Britto (2012), Rigoletto e Di Giorgi (2009) e Soares (2017).

A prática bibliotecária, técnica de organização e divulgação dos acervos do tradicional profissional formado, evidenciava dificuldades quanto à efetividade de sua ação no contexto escolar e uma das razões apontava justamente para a necessidade de incorporar elementos de maior viés pedagógico à atuação.

Para tal, a bibliotecária e aluna/cursista autora deste trabalho lançou mão dos próprios pressupostos que norteiam a leitura, alfabetização e letramento para planejar e executar uma forma de acesso e uso da biblioteca escolar, especialmente para os alunos da EJA dada a questões e, uma consequente fundamentação que será apresentada ao longo do texto.

Todo o trabalho organizou-se, portanto, a partir da questão: Que efeitos podem ser evidenciados ao se promover o acesso e uso qualificado da biblioteca escolar em rodas de conversas integradas ao trabalho docente na perspectiva da alfabetização, letramento e leitura?

O diferencial da ação somado às particularidades do percurso foram de fato um desafio e uma experiência instigante e os resultados, como se verá a seguir, valeram muito a pena.

### **1.1 Apresentação**

O desejo de tornar a biblioteca escolar um espaço dinâmico de ensino e aprendizagem e, portanto, de fomento a leitura e formação de leitores tem acompanhado há muito tempo professores, bibliotecários e demais profissionais que estejam na biblioteca e/ou na escola.

Partes dos esforços, na busca de se viabilizar esse desejo, orientam-se dentro da perspectiva da formação continuada e esta, por sua vez, aponta para um trabalho estrutural e coletivamente compartilhado. A própria leitura, meio e fim dos processos de alfabetização e letramento na escola, indica a necessidade de sua viabilização e efetivação como prática social, ou seja, a partir da estruturação de espaços e ações em que se possam organizar a vivência e convivência dessa prática, como destacou Carvalho (2012).

No presente momento, a especialização que estou cursando em Processos de Alfabetização e Letramento vem reforçando que a proposição de ações para os processos de ensino e aprendizagem pela e com a leitura está atrelada ao trabalho de promoção e fomento das práticas que possam ser realizadas e compartilhadas.

Por outro lado, com o propósito original de qualificar minha ação como bibliotecária, a especialização tem indicado possibilidades para atuar, tanto em ações de alfabetização e letramento e suas articulações, quanto na organização e planejamento na própria biblioteca escolar como se acompanhará a seguir.

### *1.1.1 A construção da proposta*

A Rede Municipal de Educação – RME-BH onde atuo, iniciou em 1997 o ‘Programa de Revitalização de bibliotecas’ tendo como norte a valorização das bibliotecas escolares como centros de vivências e, convivências e, nesse sentido, elas foram criadas, reorganizadas e abertas progressivamente à escola e à comunidade.

Assim, além de investirem em acervos para subsidiar esse ideal e, dessa forma, quase os triplicarem num período de dez anos, conforme demonstrado por Santos (2007), as bibliotecas paulatinamente foram se tornando espaços de grande incentivo e realização de ações/projetos de promoção e formação do leitor e da pesquisa escolar.

No entanto, ainda que as ações tivessem grande protagonismo de atores distintos, elas revelaram um caráter experimental, muitas vezes, desconectado da proposta e objetivos curriculares de ensino ou ainda, pelo

desconhecimento da leitura como prática social que requer partilhas previstas e organizadas e, portanto, de uma consequente inserção na vida mais ampla do indivíduo.

Diante disto, originalmente o *Plano de Ação* que me propus a realizar tinha como referência o investimento em ações de vivência e compartilhamento de leitura que pudessem dialogar especificamente com o ensino e atividades em realização na sala de aula e a questão que me propus foi investigar como esse processo se daria.

Logo, o trabalho de literatura, baseado no gênero poesia, já desenvolvido pelo professor de português com quatro turmas de 6º ano na Escola Municipal Professora Isaura Santos - EMPIS<sup>1</sup> configurava-se como oportuno para organizar e realizar ações conjuntas de alfabetização e, igualmente, de práticas escolares de letramento e leitura.

Para que fosse possível articular alfabetização e letramento, além de selecionar, organizar e disseminar livros/obras específicas para o trabalho em sala, a ideia era que os alunos e nós pudessemos nos envolver em momentos/eventos mediados por mim, bibliotecária, e pelos professores/palestrantes convidados. O nós estava diretamente representado por todos os envolvidos, bem como, pelos palestrantes convidados. No entanto, durante a semana, seria preciso organizar e resgatar o acompanhamento indireto feito pelo restante da equipe da biblioteca desses mesmos alunos – reservas, devoluções, pedidos/sugestões suas e/ou de seus familiares, etc.

Parte da escolha dos convidados passaria pela parceria entre outras instituições existentes no bairro da escola ou próximas a ele, de modo que, situando uma dimensão mais concreta e circunscrita aos participantes, pudessem se revelar e se constituir em outras possibilidades de acesso e uso de acervos.

Considerando que seria necessária a definição de momentos e locais que pudessem viabilizar esses encontros e que eles teriam por base o trabalho de sala, mas o extrapolariam, a opção pelo espaço da biblioteca escolar aos

---

1 A EMPIS, localizada na Regional Barreiro, foi alvo de outra pesquisa da dissertação de Magalhães (1980) um ano após a sua fundação e, já à época, os resultados apontavam para a necessidade de colaboração sistematizada do bibliotecário na formação do hábito de leitura. A EMPIS foi, desde o início do meu trabalho na RME-BH, a principal escola de minha atuação já que era a em que nela eu que estava lotada.

finais de semana apresentou-se como propícia para articular e garantir outras vivências que tangenciam e podem tangenciar a prática social da leitura.

A escolha dos fins de semana, por outro lado, também foi coincidente com a ação da RME-BH para funcionamento das bibliotecas escolares iniciada em 2015. Essa abertura previa o acolhimento mais amplo da comunidade escolar e, pois, da família dos alunos como ação direta de um processo global de ensino e aprendizagem e das vivências da leitura.

Além disso, como alerta Brito (2009), no caso do bibliotecário, a mediação pedagógica, literária e informativa requerida direcionar-se à criação contínua de condições para as vivências leitoras que envolvam educadores, educandos e também a sua família.

Logo, a definição dessa política de abertura das bibliotecas escolares da RME-BH sinalizava também como oportunidade de garantir o acesso e mediação da leitura para além de um acesso puro e simples, incompatível com a requerida partilha da leitura e que se efetiva, igualmente, no ansiado horizonte do letramento escolar.

A estrutura do *Plano de Ação*, no intuito de promover o constante diálogo entre o ensinar a ler e o ensinar a leitura, como indicado por Arena (2009), concebia a realização de distintas rodas de conversas para tratar de tipos e gêneros literários em genuínas situações de trocas e vivências. A escolha da poesia, por sua vez, ocorreu por já estar sendo trabalhada em sala de aula.

As rodas de conversas foram pré-agendadas no primeiro semestre a partir do calendário escolar, da agenda individual do professor que, por sua vez, ministra muitos cursos em cidades do interior e, do cronograma de encontros do curso da especialização.

Os encontros deveriam ocorrer uma vez a cada mês em uma sequência que, iniciada com a poesia, seria retomada em razão da presença dela, por características ou particularidades coincidentes, em outros gêneros/ temáticas.

Desse modo, o *Plano de Ação* estava norteado na perspectiva da seguinte questão: como associar as práticas mediadoras do bibliotecário e do professor para que, envolvendo alunos e pais-na biblioteca escolar aos fins de semana, esses profissionais viabilizem o acesso e vivência da leitura literária?

Não obstante, os desencontros entre a agenda de sábados letivos e escolares no local originalmente pensado para a realização do projeto - a EMPIS - e, minúcias das outras agendas citadas, agravadas que foram pelo processo de paralisações relacionadas à reforma da previdência no país, inviabilizaram a realização dos eventos no formato em que estavam propostos no primeiro semestre de 2019.

Esse movimento preocupante conduziu a tentativa de replicar a mesma estrutura do *Plano de Ação* inicialmente proposto em outra escola que não tivesse impedimento para realização de, pelo menos, duas oficinas ainda no primeiro semestre de 2019.

Uma segunda providência tomada também foi a identificação de uma escola, daquelas em que a bibliotecária atualmente acompanha o trabalho na biblioteca, em que já estivesse sendo realizado um plano de ensino/trabalho em sala de aula.

Concomitantemente, seria necessário manter a estrutura maior da proposta de acesso e uso da biblioteca, a partir do trabalho de sala de aula, em encontros de partilha e convivência da leitura como forma de esta última inserir-se na vida mais ampla do indivíduo se constituindo, em contrapartida, como uma ação direta de alfabetização e letramento escolar.

A partir desses parâmetros, ainda que a julgar pela intempestividade da situação de mudança imposta, a escolha mais compatível foi a Escola Municipal Presidente Itamar Franco – EMPIF – com as turmas da Educação de Jovens e Adultos – EJA – no 3º turno de funcionamento da escola, o noturno.

Nessa escola, a professora de português da EJA estava desenvolvendo, desde o início do ano, um trabalho<sup>2</sup> que envolvia distintos gêneros discursivos e literários que foi potencializado, a partir de maio do corrente, com os livros que os alunos receberam do Kit da PBH<sup>3</sup>. Essa seria então uma oportunidade de manter inclusive a estrutura inicial de encontros por gêneros e temáticas, associando-as e extrapolando-as antes, durante e depois das rodas de conversa.

---

2 Ver Plano de Aula em anexo.

3 O Kit da PBH, composto de material escolar (caderno, régua, tesoura, etc.) também é uma política de democratização da literatura pois distribui, desde 2003, uma média de dois livros de literatura para cada estudante da RME-BH de acordo com a modalidade de ensino em que estejam. Fonte: <http://intranet.educacao.pbh/>

A Proposição Curricular da EJA (2012), por sua vez, também está ancorada no pressuposto de que o trabalho com a língua se constitua como uma atividade interativa, social e cognitiva. Embora os encontros inicialmente previstos para a outra escola focassem alunos e pais, a própria dinâmica da EJA faz com que seus alunos possam estar em ambos os papéis, de alunos e pais ao mesmo tempo e, portanto, o acesso para eles aos sábados seria secundário.

Com relação à biblioteca da EMPIF “William Shakespeare”, desde quando iniciou em 2018 o trabalho de acompanhamento, foi observado e constatado junto, à Auxiliar de Biblioteca que ali trabalhava, que a frequência e utilização do espaço, conforme registros de visitação e empréstimo, bem como marcação de eventos/atividades no espaço, estavam longe de se aproximar das que comumente se encontravam nos turnos da manhã e tarde.

No entanto, mesmo evidenciando volumes menores de acesso e uso, assim como em outras bibliotecas da RME-BH, a estrutura de funcionamento e organização da biblioteca escolar também estava ancorada no pressuposto de marcação de horários semanais de visitação das turmas para empréstimo/devolução de livros. Os livros emprestados eram apenas de literatura e, de maneira prioritária, a escolha era conforme a disposição física da faixa etária do material a ser utilizado pelos educandos. No caso da EJA, os alunos eram orientados a pegarem livros de literatura juvenil e, em alguns casos, os mais fluentes (numa avaliação muitas vezes restrita ao auxiliar de biblioteca ou ao bibliotecário) eram direcionados para fazerem suas escolhas na parte de literatura adulta. Além disso, não havia previsão de empréstimo de outros tipos de material e, fora as visitas semanais, o outro serviço oferecido era o da pesquisa escolar interna à biblioteca em horários pré-determinados. Havia, portanto, grandes possibilidades de intervenções que pudessem alavancar o acesso e uso até então realizado, especialmente considerando-se a leitura, a alfabetização e o letramento.

Por outro lado, com a recente reorganização de cargos e funções dos auxiliares na PBH<sup>4</sup>, que passou a vigorar em 2019, o cargo de Auxiliar de Biblioteca e o de Auxiliar de Secretaria foram convertidos em Assistente Administrativo Educacional – AEE. Nesta conversão, foi extinto o vínculo de lotação com a biblioteca e priorizado o quadro mínimo da secretaria, o que impactou diretamente no funcionamento dessa primeira.

Logo, mais que propor e realizar o acesso e a utilização qualificada da biblioteca escolar, tendo em vista a perspectiva da leitura, alfabetização e do letramento, o projeto também funcionou como alternativa mínima de funcionamento dentro do recente formato administrativo organizacional.

Desse modo, a questão originalmente proposta de como associar as práticas de sala de aula e biblioteca, após ajustada, passou a ser: que efeitos podem ser evidenciados ao se promover o acesso e o uso qualificado da biblioteca escolar em rodas de conversas integradas ao trabalho docente na perspectiva da leitura, alfabetização e letramento?

### *1.1.2 O lócus de atuação: Escola Presidente Itamar Franco*

A Escola Municipal Presidente Itamar Franco – EMPIF – iniciou suas atividades em 18 de fevereiro de 2013 e a necessidade de atendimento ao público da EJA já era percebida devido ao perfil de baixa escolaridade da comunidade.

No projeto político-pedagógico da EMPIF, encontramos, na parte do histórico de fundação da escola, algumas particularidades como a de que

a construção da escola foi definida ainda no início dos anos 90. Enquanto (...) não se edificava, os estudantes eram atendidos por outras escolas municipais da região: Ciac Lucas Monteiro Machado, Edith Pimenta da Veiga, Da Vila Pinho, Jonas Barcelos Correa e Luiz Gonzaga Júnior, Aires da Mata Machado. Pelo fato de muitas destas escolas serem distantes,

---

4 As mudanças envolvendo o cargo de Auxiliar de Biblioteca e o de Secretaria, efetivadas pela Lei Nº 11.132, de 18 de setembro de 2018 alteraram: jornada, carreira, lotação e funções. Como novo arranjo, os então AEE's passaram a acumular atividades de biblioteca, secretaria e outros, inclusive em horários segmentados. Infelizmente o fechamento ou inviabilização do atendimento mínimo tem se dado no espaço de muitas bibliotecas.

principalmente para os moradores do Conjunto Águas Claras, os estudantes do Fundamental eram transportados por ônibus fretado pela PBH, do Programa BH para Crianças.

(PPP da EMPIF, 2015, p.24)

Originalmente, os espaços da escola estão distribuídos em um prédio que possui três andares com: quadra de esportes coberta; quatorze salas de aula; ambiente administrativo e técnico com Secretaria, Direção, Almoxarifado, Caixa Escolar, Mecanografia; Banheiros masculino e feminino; Sala dos professores; ambiente de coordenação - Pedagógica e do Projeto Escola Integrada/Programa Saúde e Escola - PSE; Cantina e refeitório; Banheiros masculinos e femininos em todos os andares; Biblioteca; Laboratório de Informática com 23 computadores, todos com acesso à Internet; Laboratório de ciências necessitando de equipamentos; Sala de multiuso; auditório e estacionamento com guarita.



**Fonte:** Arquivo da autora.

### *1.1.3 A Educação de Jovens e Adultos*

A estrutura do trabalho na EJA da EMPIF foi iniciada em 2015 com estudantes homens e mulheres no intervalo etário de 16 a 64 anos de idade e a organização proposta foi a que pudesse atender às especificidades dos seus sujeitos.

A característica marcante desse público é seu afastamento histórico dos processos formais de ensino. Há, também, forte presença dos movimentos da região de luta política e social pelo direito à moradia.

Atualmente, a EJA da EMPIF é ofertada em dois tipos de organização escolar:

- EJA – Múltiplas Idades: ciclo único de formação com duração máxima de 1.920 horas, para estudantes maiores de 15 anos, alfabetizados ou não, que não concluíram o ensino fundamental;
- EJA – Juvenil com duração anual para estudantes alfabetizados na faixa etária de 15 a 18 anos. Grande parte dos alunos dessa modalidade já havia estudado na própria EMPIF e frequentado e utilizado a biblioteca nos moldes convencionais como descrito acima e a seguir.

O processo avaliativo é contínuo, sendo assim, a requisição também pode ocorrer por indicação do corpo docente, quando julgar pertinente, sendo necessário frequentar o mínimo de 240 horas.

A proposta curricular para a EJA pressupõe a escola enquanto

espaço de direito, pensando e propondo metodologias que permitam ao estudante construir ferramentas de análise e síntese pautadas na crítica e que vissem a intervenção na sua realidade de vida, rompendo com uma estrutura centrada na transmissão de conhecimentos (...) Jovens, adultos e idosos analfabetos ou analfabetos funcionais, buscam na EJA a oportunidade de construir esse conhecimento que os levará a ler e escrever para alcançar objetivos diversos em suas vidas (...) Para isso, abrem mão de seu tempo com a família, com os amigos, com a organização social e política de suas comunidades, com as igrejas às quais são filiados...(BELO HORIZONTE, 2012, p. 18, 23).

Nessa perspectiva, igualmente fundamentada nos processos de alfabetização e letramento, como se pode observar, pretendíamos realizar as rodas de conversas com as atuais 4 turmas da EJA da EMPIF sendo duas de Múltiplas idades e duas Juvenis. Uma quinta turma, a que funciona regularmente fora do prédio da escola no Centro de Referência em Assistência

Social – CRAS – do bairro, participou quando possível como convidada.

Todas as turmas, com exceção da externa, possuem a mesma professora de português e literatura e o Plano de Aula dela, incluído nos anexos ao fim do texto, foi utilizado como base para o planejamento e organização das rodas de conversa.

#### *1.1.4 A Biblioteca William Shakespeare*

O funcionamento do espaço da biblioteca da EMPIF se deu em agosto de 2013, quando a escola recebeu a primeira auxiliar de biblioteca para o turno da manhã. Cerca de quatro meses depois, uma professora em readaptação funcional passou a atuar aí e, depois, uma nova auxiliar também foi integrada ao quadro de servidores bem como, no sistema à época adotado na RME-BH, a biblioteca passou a ser coordenada por uma bibliotecária que acompanhava mais outras 6 bibliotecas de 6 escolas da Regional Barreiro.

Os maiores desafios da biblioteca da EMPIF identificados desde o início das atividades eram da ordem da organização física do espaço e da composição do acervo, em razão deste ser composto majoritariamente por doações de outras escolas.

O empréstimo apenas foi iniciado em 2014 e, por um infortúnio, após o pessoal perceber uma série de tremores no chão, uma rachadura foi se tornando aparente e este episódio motivou uma reforma estrutural na ala do prédio da escola onde estava localizada a biblioteca.

Em função das obras, a biblioteca ficou interditada durante todo o ano de 2015 e todo o acervo ficou guardado no auditório da escola. Apenas em 2016 a biblioteca retornou ao seu lugar de origem e as atividades foram retomadas, assim como outras passaram a ocorrer também em razão de lotação de uma auxiliar de biblioteca para o 3º turno. O projeto de maior destaque nesse período foi o de escolha de nome para a biblioteca, que contou com a presença do cônsul britânico *Thomas Nemes*, de Belo Horizonte, posto que o nome escolhido foi '*William Shakespeare*'. Deste período até hoje é

possível verificar uma ampliação e organização maior do acervo que atualmente possui cerca de 7600 itens registrados<sup>5</sup> e o espaço foi visualmente melhorado e organizado.

Ainda que parte da equipe tenha mudado e que a autora em questão apenas tenha passado a acompanhar/coordenar a biblioteca no final de 2018, os esforços de manutenção do atendimento aos alunos, professores, escola e comunidade mantêm-se o mesmo, na medida da recente estrutura funcional. O 3º turno, entretanto, segue muito prejudicado dado a mencionada não exclusividade de lotação de um AEE neste horário.

O atendimento às turmas baseia-se na marcação de horários de visitas semanais destas à biblioteca, com ou sem o professor (dependendo da faixa etária, organização da sala de aula no dia, eventos na escola, etc), para empréstimos e devolução de livros literários previamente separados nas estantes e/ou nas mesas. Os livros informativos, paradidáticos, etc, não faziam parte do material que os alunos tinham autorização para levar para casa. O uso se dava dentro do espaço da biblioteca ou, em empréstimo breve para uso na sala de aula.

Os alunos da EJA de 2019, a partir dos quais foi realizado o trabalho desenvolvido pela autora, já não possuíam histórico de frequência de visitação, mesmo quando havia um auxiliar de biblioteca efetivo para o atendimento.

No ano corrente, eles também não haviam realizado nenhum empréstimo de livros literários, sendo que a média registrada comumente era de 1 a 3 empréstimos mensais. Eles estiveram na biblioteca somente para receber livros do Kit da PBH. Duas turmas, com seus respectivos professores referência, estiveram na biblioteca para conhecer o espaço e realizaram a aula prevista para o dia neste último espaço, mas não fizeram empréstimos.

Com a inviabilização muitas vezes crítica do atendimento diário regular na biblioteca para os alunos EJA, para além de este projeto ter almejado qualificar o acesso e o uso da biblioteca ele, também, tentou prover condições mínimas de abertura.

---

5 Conforme dados retirados da planilha de registro mantida internamente na biblioteca da escola.



**Fonte:** Arquivo da autora.

## **1.2 Justificativa**

Pensar, se expressar e, enfim, viver numa perspectiva da linguagem, em especial na modalidade escrita, é imperativo de nossa sociedade grafocêntrica. Para além da funcionalidade, a vivência e a constituição dos indivíduos enquanto seres culturais se efetiva e pode avançar na simbologia e racionalidade da linguagem.

Logo, ao nos lançarmos em ações que operem, segundo as diretrizes da alfabetização e do letramento, estaremos, docentes ou não, envolvidos não apenas com o trabalho de ensinar e fortalecer o aprendizado de leitura e escrita de um signo mas, fundamentalmente, com o sentido e diálogos próprios de ser e de estar no mundo.

No ambiente escolar, o investimento em ações de alfabetização e letramento tem como ponto de partida planejado as salas de aula e o trabalho docente aí desenvolvido. O trabalho que se segue é realização de uma proposta envolvendo sala de aula e a biblioteca escolar.

A biblioteca, espaço que se reveste, por excelência, como sendo para a leitura e de processos para sua promoção e formação, precisa alcançar, especialmente no ambiente escolar, um planejamento e estruturação que tenha franco e constante diálogo com o ensino e a aprendizagem conduzidos na sala de aula.

Definida uma abordagem que se pautou pela alfabetização e o letramento, o trabalho em sala de aula se enriquecerá na medida da necessária articulação de vivências e, concomitantemente, será uma das condições de efetividade da promoção e manutenção do próprio espaço biblioteca escolar.

As expectativas deste trabalho foram muitas, definições e redefinições ocorreram e outras minúcias do caminho somaram-se enquanto vivências. Antes das descrições e das reflexões porém, sigamos pelo começo, não deste trabalho, mas da trajetória pessoal da pesquisadora que até aí a conduziu...

### **1.3 Memorial**

Quando ingressei como bibliotecária na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte - RME/BH, em 2005, o então Programa de Bibliotecas<sup>6</sup>, estruturado na perspectiva da revitalização e aberturas das bibliotecas escolares como espaços de leitura e pesquisa, já contava com 6 anos de existência.

Para promover a revitalização e aberturas das bibliotecas escolares o quadro de servidores esteve organizado, durante bastante tempo, a partir de um bibliotecário coordenando de 4 a 5 bibliotecas com suas respectivas equipes de Auxiliares de Biblioteca e profissionais em readaptação funcional.

Recém-chegada de experiência na rede de educação do município de Betim, na qual atuei como auxiliar de biblioteca no período de 2002-2005, enquanto finalizava a graduação em biblioteconomia, passei a assumir a função de bibliotecária para coordenar uma equipe de 15 pessoas em 5 escolas distintas, entre Auxiliares de Biblioteca<sup>7</sup> e profissionais em readaptação funcional.

À época, em Betim e, agora, em Belo Horizonte, me eram perceptíveis e até realizáveis as dinâmicas e discussões que ansiavam por tornar a biblioteca

---

6 Na concepção original do 'Programa de Bibliotecas' RME-BH existiram bibliotecas denominadas 'Pólo' com um bibliotecário lotado e, que deveriam atender a comunidade do entorno e, as bibliotecas 'Coordenadas' sem o bibliotecário em lotado e, não possuíam atendimento à comunidade. Fonte: <http://intranet.pbh.gov.br/programas/>. Desde 2018, a autora/cursista acompanha 7 bibliotecas de 7 escolas da Regional Barreiro, duas a mais do que quando ingressou na RME-BH.

7 Nomenclatura original do primeiro profissional que integraria o quadro de servidores de biblioteca. Apenas em 1998, após outro concurso é criado o cargo de bibliotecário para coordenar o trabalho dos Auxiliares de Biblioteca e de outros servidores em readaptação funcional, a maioria, professores.

e a prática bibliotecária em educativas, na medida de se integrar aos processos da escola que envolvem o ensino, aprendizagem e a formação de leitores.

Sem diretrizes, inclusive de uma discussão teórica mais aprofundada que retomava fôlego na academia, alguns bibliotecários, auxiliares de biblioteca, professores em readaptação funcional, esforçavam-se em se lançar em distintas empreitadas como: divulgação temática de acervos; saraus e contações de histórias; ornamentação, confecção e distribuição de brindes como marcadores de páginas, origamis, livros, etc., em oficinas dentro ou fora das bibliotecas. O intuito era fortalecer o vínculo entre a biblioteca e suas atividades com o valor intrínseco da leitura e da formação de leitores, bem como capacitar para o acesso e uso da informação numa genuína postura de pesquisa.

Na RME/BH o 'Programa de Bibliotecas', inclusive, mantinha em caráter anual, um evento denominado 'Mostra de Trabalhos'<sup>8</sup> que objetivava a exposição das ações e projetos das bibliotecas e das escolas que as envolviam e, igualmente, fortalecer a troca de experiências para facilitar o trabalho com leitura e pesquisa delineado para a rede.

Em face disto, nós bibliotecários fomos muito demandados pelas equipes que coordenávamos e, embora sem estrutura referencial, uma diretriz apontada era a realização dessas mesmas ações como um trabalho que apoiasse e/ou complementasse o fazer docente e não que simplesmente o replicasse. Existia, desde a época, uma necessidade da categoria bibliotecária em se firmar como um profissional nativo da biblioteca escolar ainda que ela não se fizesse presente desde sempre nesse espaço. O entendimento era o de que, por exemplo, em sendo um professor de biblioteca, antes de tudo, o profissional se ocuparia em ensinar na biblioteca e/ou sobre a biblioteca deixando assim de realizar atividades importantes de organização e disseminação da informação alcançadas pela formação e treinamento bibliotecário.

Por sua vez, a tônica de um trabalho que revitalizasse e potencializasse a biblioteca escolar foi paulatinamente se organizando e direcionando em torno

---

8 Ver anexos da dissertação da autora/cursista: Práticas educativas bibliotecárias de formação de leitores: um mapeamento de iniciativas e suas articulações na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte – RME- BH – que exemplifica os folders de duas Mostras de Trabalhos.

de um investimento no protagonismo do profissional bibliotecário e de outros atores inseridos na biblioteca escolar.

A proatividade era da ordem do investimento na proposição e realização de ações e projetos que pudessem amparar/somar-se ao trabalho da escola/sala de aula e da formação de leitores e, assim, justificassem a existência do próprio espaço biblioteca escolar.

Com o tempo, os resultados pontuais alcançados e a baixa efetividade geral apontada pela escola, que insistia em dizer do muito que ainda precisaria ser feito para que as bibliotecas escolares fossem educativas na medida desejada por ela, produziram em mim direto desconforto. Este desconforto foi suficiente para buscar reflexões acadêmicas mais detidas e, ao ingressar no mestrado da Escola de Ciência da Informação da UFMG – ECI/UFMG, esperava situar e melhor compreender o percurso já empreendido como, também confeccionar um registro para a posteridade de tudo que já havia sido feito e como havia sido feito, especialmente focalizando o fazer bibliotecário<sup>9</sup>.

Um dos apontamentos evidenciados pelo estudo que realizei indicava distorções quanto ao conceito, metodologia e possibilidades de execução das ações e, mesmo quando coincidentes, a ausência de uma estrutura comum era latente, inclusive, no que diz respeito à imprescindível avaliação enquanto parte constituinte do processo de ensino e aprendizagem.

Outra dinâmica, em parte decorrente da primeira acima, é que o fomento do protagonismo do bibliotecário e da biblioteca em propor ações e projetos e em buscar parcerias acabou por configurar esse trabalho fora do contexto trabalhado/avaliado em sala de aula. Assim, muitas vezes, o pedido de parceria figurou como um trabalho a mais e não como uma proposta que pudesse potencializar o fazer docente e os processos em sala de aula incluindo a avaliação.

Após concluir a dissertação, ficou constituída a necessidade de investir no conhecimento e reconhecimento dos processos de ensino e aprendizagem especialmente na questão do fomento a leitura para além dos pressupostos biblioteconômicos de organização, tratamento e disseminação da informação.

---

9 MOREIRA, Juliana A. **Práticas educativas bibliotecárias de formação de leitores**: um mapeamento de suas iniciativas e articulações na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte – RME- BH. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2014). Disponível em: <<http://hdl.handle.net/>>.

Assim, quando a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte - SMED/BH incluiu o pessoal das bibliotecas escolares na formação continuada oferecida pela Faculdade de Educação – FAE/UFMG, via Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica - Laseb, de imediato candidatei-me ao curso 'Processos de Alfabetização e Letramento'.

A expectativa era de implantar, pessoalmente, um trabalho de biblioteca fundamentado na perspectiva apontada pela pesquisa e dissertação feitas. A oportunidade também seria salutar, pois, no curso em questão, a necessária confecção de uma correspondente Análise da Prática Pedagógica – ACPD também norteava de antemão o tipo de ação a ser empreendida.

Era singular conhecer teórica e metodologicamente os processos com os quais os docentes estavam envolvidos e/ou seriam demandados. Era plural, por fim, pensar, propor e realizar ações que pudessem contribuir para concatenar os trabalhos de biblioteca e sala de aula num efetivo esforço de organizá-las numa perspectiva integrada de ensino e aprendizagem e, portanto, pedagógica e educativa.

#### **1.4 Metodologia**

Por se tratar de ação experimental, a organização metodológica do trabalho pautou-se pela fundamentação denominada *pesquisa-ação*.

Neste contexto, a intenção era planejar e executar dialogicamente a proposta de modo a seguir um ciclo

no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação (TRIPP, David, 2005, p. 3).

A estrutura inicialmente pensada para executar contava com a análise do plano de aula da professora de português e literatura pra definir as cinco rodas

de conversa, a partir de gêneros já trabalhados em sala de aula. Até a data de início do projeto, a professora já havia trabalhado com poesia e livro de imagem e estes foram os dois primeiros encontros definidos.

É importante destacar que a definição das rodas de conversa não era a pura e simples utilização da temática já trabalhada em sala, mas a garantia de acionamento de temas, livros e textos correlatos a partir desses gêneros já vistos. Evidentemente, as duas primeiras rodas precisavam marcar a temática e, portanto, treinar o movimento de correlação para todos os participantes.

Anterior à realização das rodas de conversa, no mês de maio foram aplicados os questionários prévios, conforme anexo, de caracterização dos participantes no que diz respeito aos recursos que conhecem e que acessam, bem como sua experiência com livros, leitura e a biblioteca da escola para melhor direcionar estes encontros.

A compilação dos questionários revelou a importância de se organizar uma roda de conversa sobre Literatura e Religião, pois a grande maioria indicou que acessavam nas igrejas ou nos espaços mantidos por elas textos religiosos e outros não religiosos.

De imediato já foi reorganizado o planejamento na perspectiva da *pesquisa-ação* e ficaram definidas a realização de 4 rodas de conversa a partir dos gêneros já trabalhados em sala de aula.

Além disso, como era necessário dar vazão ao estímulo feito durante as rodas de conversa e estender, propositadamente, a forma de acesso e uso da biblioteca escolar, inclusive para coletar dados, foram realizados atendimentos aos alunos pela aluna/cursista, intercalados entre as rodas de conversa. Motivada pelo apontamento registrado também nos questionários, os atendimentos para demandas de empréstimos foram livres, ou seja, não condicionados somente a livros literários e deram destaque para a roda de conversa que seria feita em seguida.

A partir da definição das duas primeiras rodas de conversa – poesia e livro de imagem - além da bibliotecária e da professora, um(a) convidado(a) palestrante foi escolhido(a) e conduziu o tema definido. A autora e os professores, por sua vez, organizaram-se em razão das discussões e

ornamentação da biblioteca com a temática e separação os livros e textos relacionados.

A logística dos encontros foi pensada para ocorrer duas vezes nos meses de junho, uma em julho, duas em agosto e duas em setembro, durante a semana, no horário definido das turmas de visitação à biblioteca.

Em cada roda de conversa a ideia foi, portanto, conjugar:

- a apresentação do espaço biblioteca e de suas coleções (em suas minúcias e público alvo) em rodas de conversa, a partir da mediação da bibliotecária, do professor, da pessoa convidada para participar no dia e dos próprios alunos;
- a correlação com o estudo em sala de aula para dialogar e ampliar as possibilidades de acessar e usar os textos, livros e temáticas com destaque a exploração dos livros do kit da PBH que foram entregues aos alunos;
- a identificação e trocas de histórias e informações entre os organizadores e os alunos em legítimo momento de convivência de maneira, portanto, que os envolvidos possam progressivamente conhecer e estabelecer estratégias para escolha e se envolver com a construção de um percurso leitor próprio.

Durante a realização das duas primeiras rodas de conversa surgiu a proposição de parte da professora de matemática em conjunto com a de português e literatura da temática do Origami, com destaque para a lenda do Tsuru. Logo, ficaram assim definidas as rodas de conversa: poesia, livro de imagem, literatura e religião, origami e lenda do Tsuru.

A duração das apresentações e das discussões relativas aos temas foi distribuída no intervalo de 1h e 30 minutos e, os 30 ou 40 minutos finais foram destinados ao acesso livre às estantes e aos livros bem como aos registros de empréstimos ou determinações de reservas e/ou conversas mais pontuais com os palestrantes.

Finalmente, foi aplicado para todos os participantes um questionário de avaliação de todo o projeto desenvolvido para comparar com os dados obtidos ao longo das outras ações. Todas as ações foram orientadas pelos objetivos a seguir.

## **1.5 Objetivos**

### *Geral*

Qualificar o acesso e a utilização da biblioteca escolar pelos alunos da EJA a partir da organização e viabilização de momentos de vivência e convivência leitoras articulados com o plano de ensino na perspectiva da alfabetização e letramento

### *Específicos*

- Viabilizar rodas de conversa via biblioteca escolar para a troca de histórias, livros e informações em uma agenda comum de vivência e convivência;
- Correlacionar nas rodas de conversa as ações de acesso, apresentação e uso da biblioteca escolar e de suas coleções, a partir da mediação bibliotecária, com os textos e livros já trabalhados em sala de aula;
- Introduzir outros atores/instituições com quem todos possam dialogar ampliando as possibilidades relativas ao desenvolvimento de um percurso da leitura;

## **2. O PERCURSO**

### **2.1 Uma revisão bibliográfica**

A estruturação de um espaço denominado biblioteca escolar e das atividades a partir dela que possam sustentar, articular e dialogar com o processo educativo de ensino, aprendizagem e de leitura nas escolas é um desafio vivenciado na RME-BH.

Para além da histórica crise brasileira de recursos<sup>10</sup>, que se refere às dificuldades persistentes de acesso ao livro no Brasil, tanto individual quanto institucional, encontramos em Belo Horizonte um avanço. A realidade especial em termos de diversificação e quantitativo do acervo das bibliotecas escolares da RME-BH identificada por Lemos (2015) tem impulsionado para o investimento em um estágio posterior, o da qualificação do acesso e uso com a correspondente qualificação da prática bibliotecária.

Quando elaborei a primeira proposta de ACPP, o objetivo estava em franquear o acesso e uso dos alunos do 6º ano e de suas famílias ao espaço da biblioteca, aos fins de semana, para compartilhar situações que envolvessem diretamente a leitura. O ponto de partida para persuadir os envolvidos quanto à vinda a biblioteca, especificamente no sábado, seria a realização das apresentações das atividades que os alunos fossem executando durante a semana conforme o plano de aula do professor.

Esta primeira motivação abriria espaço para trocas que expandissem o trabalho em sala de aula e lançasse luz sobre as possíveis formas de se acessar e utilizar o espaço da biblioteca escolar pelo aluno, por sua família e, por todos nós. A qualificação do acesso e uso da biblioteca escolar e de seus recursos passaria, portanto, pela necessária articulação com o plano de aula realizado pelo professor de português com distintos gêneros discursivos e literários e dele lançaria mão para também poder acessar os pressupostos da alfabetização, do letramento e da leitura.

Por outro lado, era importante que o tradicional trabalho do bibliotecário de organizar e prover as próprias formas de acesso às práticas de leitura no ambiente da biblioteca escolar, através dos processos como os de catalogação e classificação, não se circunscrevesse a conhecida “aula de biblioteca” ou a divulgações pontuais. Não interessava também que o bibliotecário assumisse uma função artificial de ensino no espaço da biblioteca. Esta tendência de réplica do trabalho docente que foi constatado por Moreira e Duarte (2014) em recente levantamento bibliográfico feito das práticas reunidas na Base brasileira de literatura em biblioteca escolar - LIBES<sup>11</sup>, já apontava para o

---

10 Conforme explicitado na pesquisa publicada e 'Retratos da Leitura no Brasil'. Disponível em: <http://livraria.imprensaoficial.com.br/media/ebooks/12.0.813.460.pdf>.

11 Base brasileira de literatura em biblioteca escolar: <http://libes.eci.ufmg.br>

investimento em ações mais sistematizadas e fundamentadas que pudessem se articular.

Já a segunda proposta de ACPP feita e, a de que se trata efetivamente o estudo e a análise a seguir, do mesmo modo que a primeira manteve o objetivo de viabilizar o acesso e uso, agora para os alunos da EJA, sem a inclusão da família, mas, ainda, tendo como referência o plano de aula embasado no quadro da alfabetização e do letramento.

Pelas características dos educandos, ainda que num primeiro momento a inclusão da família não esteja prevista, a ideia é que eles possam levar para suas próprias casas as experiências vividas na biblioteca escolar funcionando como a família que se queria alcançar para o caso dos alunos do 6º ano. No entanto, nas duas situações a intenção permanente é a de construir, com todos os envolvidos, uma perspectiva acerca da leitura que evidencie a necessidade de que não é apenas ela que

conduz ao conhecimento... se trata exatamente do contrário: é o conhecimento que promove a leitura. Do mesmo modo, não há como sustentar a ideia de que o hábito resulta do gosto, posto que o gosto é expressão das formas de ser e do próprio nível de consciência e conhecimento da pessoa. (BRITTO, 2012, p. 44)

Em ambas as propostas, a organização e utilização da biblioteca escolar deveria se dar como espaço de convivência baseado no investimento do bibliotecário na exposição de uma quantidade variada de livros e outros materiais em eventos que promovam leituras compartilhadas como indicaram Rigoletto e Di Giorgi (2009).

Logo, com a intenção expressa de agregar a biblioteca, seus recursos e minha prática ao trabalho sistematizado em sala de aula, o pressuposto foi o de fomentar vivências e convivências da leitura nossas, dos alunos e dos palestrantes convidados através de rodas de conversas.

Esse movimento estaria embasado, como apontado acima na construção da proposta, no constante diálogo indicado por Arena (2009), entre

o ensinar a ler e o ensinar a leitura. Estaria, igualmente, de acordo com a perspectiva indicada por Annes (1975, p. 25) de que as bibliotecas, ao se constituírem como pólos naturais de atividades curriculares ordenadas, sistemáticas e permanentes, assumiriam e promoveriam a vivência e convivência da leitura.

Paralelamente, o investimento também era da ordem da promoção da alfabetização e do letramento pois,

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes mas interdependentes e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto *de e por meio* de práticas sociais da leitura, isto é, através de atividades de letramento e, este, só se pode desenvolver no contexto *da e por meio* da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2017, p. 44-45)

Por outro lado, o trabalho de promoção da leitura e formação do leitor como atividade meio e fim dos processos de ensino e aprendizagem nas escolas orientaria na escola e biblioteca escolar cuja eficiência dependesse

(...) não da forma de oferta de texto, mas do quanto a comunidade escolar aprofunda o projeto de formação e o transforma em ações e espaços que o tornem viável, do quanto prevê ações de estudo e de partilha de conhecimento e de experiências intelectuais e existenciais a partir da atividade orgânica de estudar, de ler e de procurar organizar informação para pensar e intervir no mundo. (BRITTO, 2012, p. 58)

Finalmente as proposições curriculares para a EJA de Belo Horizonte (2012), de sua parte, também sustentam e pressupõem que a língua e, portanto, as ações ligadas à promoção e formação do sujeito leitor, se realizem como uma atividade interativa, social e cognitiva.

## **2.2 Descrição e análise das atividades**

A proposta original do Plano de Ação foi concebida para a organização e realização de 5 rodas de conversas com gêneros/temáticas pré-definidas que pudessem ampliar/resgatar diretamente o conteúdo trabalhado em sala tendo. O norte foi definido pelos pressupostos que envolvem a leitura, a alfabetização e o letramento como os encontrados em Britto (2012), Rigoletto e Di Giorgi (2009) e Soares (2017).

Ao mesmo tempo, a exploração das características do material e do gênero abordados e sua objetiva contextualização, inclusive com as questões que foram colocadas pelos participantes nas rodas, se propôs a ressignificar o olhar para o conhecer e o buscar. Desta maneira, esperava-se qualificar as formas de acesso e uso do recursos da própria biblioteca escolar.

Num primeiro momento, as rodas de conversas foram mensais e haveria acompanhamento quinzenal no que diz respeito às repercussões do trabalho feito nas rodas de conversas através: dos empréstimos realizados, das indicações feitas, dos materiais solicitados, de todas as trocas que envolvessem a leitura ou comentários dos materiais durante os encontros, o que acabou não se concretizando quanto à frequência prevista.

Como a pesquisa foi orientada dentro da metodologia da *pesquisa-ação*, que pressupõe uma avaliação para melhora da prática, no decorrer da própria prática como indicou Tripp (2005), duas outras rodas de conversas não previstas originalmente no Plano de Ação, e que foram sugeridas pelos próprios professores, passaram a compor os encontros. Uma outra, oriunda da apuração das respostas do questionário aplicado, foi organizada e realizada.

No entanto, em razão do início um pouco tardio do trabalho (dado a mudança de local para realização do projeto) e das certificações ocorrendo

dentro do semestre letivo, característica própria do percurso da EJA, por força logística, optamos por reordenar as cinco rodas de conversas originalmente propostas. No entanto, não ampliamos para sete rodas e, sim, substituímos as duas últimas originalmente propostas pelas duas sugeridas pelos professores.

Por fim foram realizados mais cinco encontros sendo três para empréstimo livre com a exibição do material que foi trabalhado nas rodas de conversas, um encontro para aplicação de questionário e mais um para avaliação escrita pelos alunos e professores de todo o processo realizado. Essa dinâmica, ao mesmo tempo, funcionou como uma alternativa de funcionamento da biblioteca no turno da EJA em razão da dificuldade de deslocamento do AEE da secretaria para a biblioteca no 3º turno, conforme exposto acima no tópico *1.1.1 – A construção da proposta*.

A seguir, seguem as compilações, descrições e análises dos questionários, inicial e de avaliação; dos atendimentos para empréstimos de livro e, igualmente, das cinco rodas de conversas realizadas pela ordem: Poesia, Livro de imagem, Literatura e Religião, Origami e Lenda do Tsuru.

- **Questionário Inicial**

O questionário que foi inicialmente aplicado, além de provocar uma primeira sensibilização e participação dos alunos em relação ao projeto que seria iniciado, levantou aspectos que puderam ser combinados às rodas de conversa para potencializá-las.

Após compilar os dados, três destes aspectos mereceram destaque:

1. a demanda pelo empréstimo de material variado e não apenas de livros essencialmente literários;
2. a visão da biblioteca como espaço físico, estante: não é usada mas é boa;
3. acesso majoritário à leitura de variados textos, inclusive quadrinhos, nas igrejas ou nos espaços contíguos à ela.

O primeiro aspecto relacionado chamou muito a atenção porque normalmente, quando se pensa o acesso e uso da biblioteca escolar pelos alunos, inclusive quando se define um horário semanal para a turma neste espaço, o tipo de empréstimo que é realizado é o dos livros literários. Seja pelo trabalho realizado em sala ou, pelas diretrizes internas de circulação do acervo, é naturalizada a concepção de acesso prioritário à leitura literária para o empréstimo.

A biblioteca e as práticas aí desenvolvidas, embora reconhecendo e validando a importância do texto de cunho literário, isolavam-se da perspectiva apregoada por Annes (1975) como centro integrado das atividades curriculares e, desta forma, espaço de leitura.

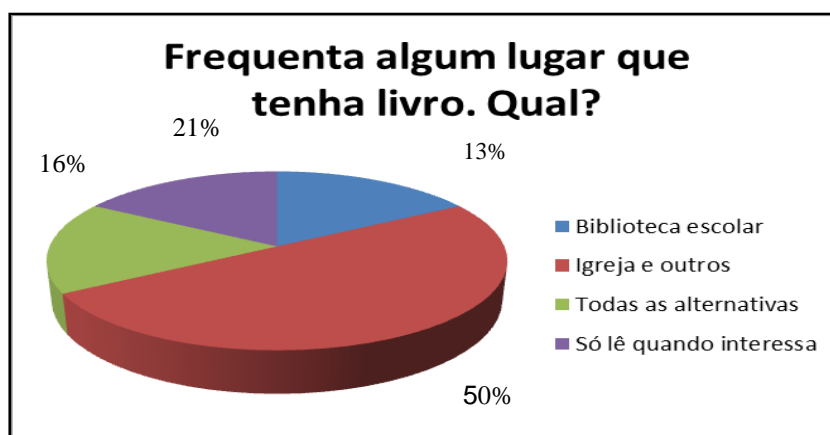
Assim, com a indicação dos próprios alunos, sobre a necessidade de acessar e utilizar com maior prazo outros tipos de textos ficou latente que uma tentativa de reorganizar esta lógica funcionou porque estava em aberta concordância com a indicação de Britto (2012) quanto à necessidade de se terem previstas, na escola, ações de partilha do conhecimento para se tornar orgânica a atividade de ler. Este foi um primeiro movimento na tentativa de, admitindo os pressupostos da leitura, alfabetização e letramento, qualificar o

acesso e uso da biblioteca escolar: não restringir, mas combinar as distintas e complementares demandas. Isto se mostrou inteiramente válido.

O segundo aspecto demonstrou muito da relação vazia e esparsa dos alunos para com o espaço da biblioteca. Avaliá-la como boa, porque visualmente assim aparentava já que não era possível falar de seu uso, urgiu viabilizar outras formas de acesso e uso dela. Logo, o investimento do bibliotecário em eventos que promovessem leituras compartilhadas que Rigoletto e Di Giorgi (2009) apontaram, mostrou-se providencial e sintonizado com o planejamento das rodas de conversa.

O último aspecto evidencia muito dos espaços mais abrangentes de vida dos alunos. Considerando-se que a leitura, também do ponto de vista do letramento, como destacou Soares (2017), deve se dar como prática social foi estratégico correlacionar este uso já feito no espaço das igrejas com o que eles poderiam fazer via biblioteca escolar.

Pelo grau de proximidade e pertencimento, como demonstra o gráfico abaixo, a definição de uma roda de conversa que tratasse da temática Literatura e Religião se colocou como uma grande oportunidade de explorar os textos, os gêneros, os formatos, os lugares e os modos de ler e da leitura. O estar na escola, com a possibilidade de falar sobre um tema como a religião numa perspectiva do ensino da leitura, como tratou Arena (2009), foi, sim, o alvo do planejamento e dos esforços.

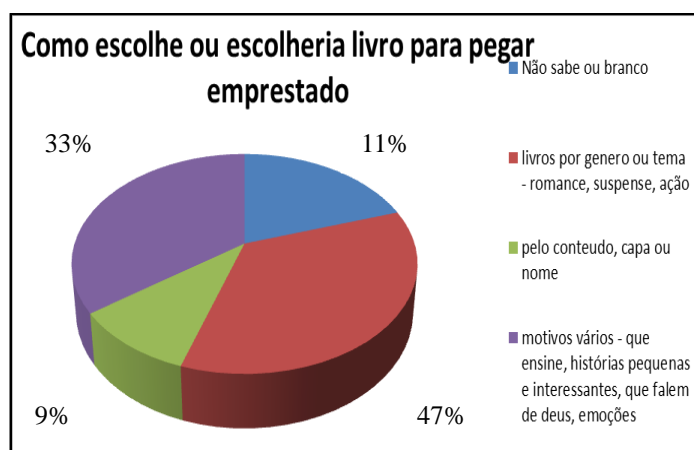


Fonte: Arquivo da autora.

Evidentemente, para além dos três aspectos destacados, outros também puderam ser registrados.

No entanto, em função do tempo para execução, não foi possível explorá-los, quais sejam:

- existência de livros/temas que conhecem ou gostam;
- a frequência baixa à biblioteca com ou sem o professor;
- ausência de necessidade objetiva para leitura no dia e no cotidiano da vida;
- presença de leitura principalmente de mensagens do celular de noticiário;
- inexistência de demanda de compra de livros, tanto para presentear alguém quanto para si próprio;
- entendimento de como se organizam: quais motivos, como fazem para localizar ou para saber onde encontrar um determinado livro para realizar a escolha e o empréstimo como podemos deduzir do gráfico abaixo:



**Fonte:** Arquivo da autora.

- **Atendimentos para empréstimos livres**

Após a realização da primeira roda de conversa, estava previsto o recolhimento de dados quanto à movimentação de empréstimos, demandas e/ou sugestões para descrever e quantificar as possíveis formas de acesso e uso da biblioteca escolar dentro do planejamento traçado.

Neste sentido, foram realizadas uma exposição antecipada dos livros de imagem/histórias sem palavras, que foi tema da segunda roda de conversa e dois atendimentos para acesso livre as estantes, posto que os alunos já haviam sinalizado no questionário inicial a demanda para empréstimos – acesso e uso – de livros que não fossem essencialmente literários. Todavia, ficaram em destaque os livros de poesia e imagem já trabalhados nas duas primeiras rodas de conversa para eventuais interesses.

A autora havia solicitado ao AEE para avisar aos professores que o acesso e utilização do material exposto para possíveis empréstimos deveria funcionar considerando-se o aviso para os alunos em sala quanto ao atendimento a ser feito e, que eles poderiam, de forma espontânea, ir à biblioteca. A proposta foi que eles fizessem o acesso e uso mais independente possível para, direta ou indiretamente, internalizassem que as visitas à biblioteca e a utilização de seus recursos podia igualmente se dar por demanda individual.

No entanto, apenas em um atendimento os alunos foram à biblioteca sem estarem acompanhados do professor e em turma. Isto, por um lado, não pôde fundamentar uma observação mais consistente de um acesso espontâneo como pretendido, mas, por outro lado, foi a condição para que a turma toda, cada uma em seu horário, se detivesse, amparados pelo professor e pela autora, na apreciação e escolha de livros para possíveis empréstimos. Esta constatação revelou que a troca de experiências intelectuais e existenciais, necessárias à formação de leitores, como esclareceu Britto (2012), fazia-se mais necessária. O acesso espontâneo, embora importante, seria precoce na medida em que a biblioteca, como indicou Annes (1975), deveria ser antes pólo integrador das atividades curriculares.

Novamente, amparados em Britto (2012) quanto à ideia de que é o conhecimento que conduz à leitura, quando identificamos a quantidade de empréstimos feitos no primeiro atendimento relativos os livros de imagem/história sem palavras, foi mais que expressivo o número de empréstimos realizados.

Estigmatizados por ser reconhecidos majoritariamente como material para quem ainda está aprendendo a ler e, portanto, com certa resistência para uso pelos alunos da EJA, neste atendimento foram feitos 9, e antes eram feitos uma média de 1 a 3 por mês, conforme constatado em registros internos da biblioteca. Isto demonstrou um discreto mas, concreto resultado da viabilidade da qualificação do acesso e uso da biblioteca escolar fundamentada pelos pressupostos da leitura, alfabetização e letramento.

Nos outros dois atendimentos, com média de 6 empréstimos em cada, a indicação em especial de dois títulos, a partir de conversa mediada pela autora, revelou que a fundamentação encontrada nas proposições curriculares da EJA de Belo Horizonte (2012), quanto à promoção da leitura como atividade interativa, social e cognitiva, fazia sentido e produzia resultados.

Tanto do ponto de vista dos alunos, interessados em temáticas próximas aos seus interesses, quanto do ponto de vista da autora, motivada em indicar um material que pudesse ampliar as possibilidades de leitura e do ler, conforme explicitado por Arena (2009), o esforço também foi da ordem de explicar as características, formas de abordagem possíveis para cada tema nas obras, detalhamento e público-alvo, formato e organização de cada obra para compará-las. Houve, portanto, a organização fundamentada de um movimento de vivência e troca e, de fato, trocas foram construídas e relacionadas.

Através da mediação, contextualizada pelo tipo de acesso descrito acima foram feitos empréstimos dos seguintes livros: "Feminino e masculino", de Leonardo Boff e Rose Marie Muraro", e "Alimentos orgânicos: ampliando os conceitos de saúde humana, ambiental e social", de Elaine de Azevedo (enviado pelo Ministério da Educação dentro do Programa Biblioteca da Escola – PNBE do Professor ).

Ao término do trabalho na biblioteca e, tomando como exemplo as alunas que realizaram os empréstimos conforme relacionado acima, no

questionário final, foi apontado que o projeto realizado na biblioteca foi bom e importante e que a perspectiva de vivência e convivência da leitura era importante para eles, como acesso e uso da biblioteca e para o estudo deles já que os desejos registrados foram: "Irmos mais vezes nela para fazer atividades, fazer trabalho de sala usando os livros." (aluna que fez o empréstimo do livro "Feminino e masculino"); "eu gostei muito das palestras porque "apredi [sic] muitas coisas..." e "nos deu uma noção como é um livro" (aluna que fez o empréstimo do livro "Alimentos orgânicos").

Como se pode observar, a qualificação do acesso e uso da biblioteca escolar a partir dos pressupostos da leitura, alfabetização e letramento foi positiva, não apenas pelos registros de dados feitos, mas, fundamentalmente, por ter sido considerada e até abraçada como outra possibilidade concreta de pensar e estar no espaço.

- **1) Poesia**

Uma das primeiras intervenções feitas pela professora de Português e Literatura, desde o início do ano com as turmas, foi o trabalho com poesia especificamente. Em sua aula, ela tratou de apresentar autores, contextos de época e leitura conjunta de trechos dos livros especialmente do kit da PBH que seria distribuído aos alunos.

Por ter sido a temática iniciada em sala de aula, a definição da poesia como primeira roda de conversa se mostrou imediata como a oportunidade de organizar e realizar um também primeiro acesso e uso pelos alunos à biblioteca a partir do que eles já estavam estudando e não apenas uma visita para escolha aleatória de livros para empréstimos.

Este movimento foi o esforço de, da parte da biblioteca, constituí-la como o objetivado espaço de convivência da leitura uma vez que, na perspectiva de Annes (1975), se organizou como centro de atividades curriculares ordenadas.

A autora definiu, como primeiro convidado para a roda de conversa sobre a poesia, o autor Advailton Moíses<sup>12</sup>. A escolha se deu em função de palestra que ele já havia feito na biblioteca de outra escola que a autora acompanhava para tratar do livro de poemas que ele havia lançado. A escolha também se mostrou providencial pelo fato do autor ser morador do Barreiro, em região próxima à EMPIF, o que poderia potencializar a ampliação dos espaços de vivência e convivências leitoras dos envolvidos. Na semana anterior à primeira roda de conversa, a aluna/cursista esteve na biblioteca da escola, no horário das turmas da EJA, e explicou sobre a dinâmica dos encontros, dando destaque ao tema poesia.

No dia da roda de conversa, cada turma no horário pré-definido de biblioteca, compareceu com o professor à biblioteca que já estava decorada com *banners* de autores com Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Cora Coralina além de livros de poesia para as mais diversas faixas etárias, cartazes com explicações sobre o que é ler poesia, exemplares do livro do Advailton *Liberdade Transitória Moderna* em mesa central e, o da Ângela Lago *O caderno de jardineiro* integrante do Kit da PBH para a EJA<sup>13</sup> que eles receberiam.

Após fala da direção e da autora enfatizando o objetivo de ampliar os horizontes leitores dos alunos e de facilitar a apropriação do espaço biblioteca e dos professores quanto à importância do lirismo e da fruição estética, o autor fez sua explanação (de 20 minutos ou um pouco menos dependendo da sala) sobre: o que foi para ele ter um livro publicado, que editoras que facilitam esse tipo de publicação, como era o processo de escrita dele, o que os amigos, familiares e professores acharam da publicação, o envio de seu livro para Portugal.

A autora aproveitou para falar sobre o processo de edição, tipos de editoras, tipos de livros para tipos de editoras e faixas etárias para livros, inclusive os de poesia. Os participantes, incentivados a perguntar livremente, esclareceram dúvidas e relembrou histórias de vida ligadas à leitura em especial da poesia como música numa genuína convivência e troca. Os

---

12 Ver <http://camaramineiradolivro.com.br/tag/advailton-moises/> e <https://www.facebook.com/advailtonmoisesfialho> .  
13 Kit da PBH 2018, entregue em 2019:  
<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1187529>

professores e a direção também integraram-se complementando histórias e informações.



**Fonte:** Arquivo da autora.

Constituída como espaço de convivência da prática social da leitura, acionaram-se em sintonia na biblioteca as habilidades que envolvem o letramento, tão necessárias como destacou Soares (2017), para dialogar com a alfabetização. Ao final dos encontros, a aluna/cursista leu o poema<sup>14</sup> e, alguns alunos espontaneamente pediram algum telefone/contato do autor para conversas futuras.

- **2) Imagem**

A segunda roda de conversa definida foi a de livro de imagem que a professora tinha iniciado nas turmas.

Na avaliação da professora e da autora foi oportuno a exploração, para além do tradicional trabalho como sequência de histórias, do olhar estético a ela vinculado, especialmente após a roda de conversa sobre a poesia. Esse desafio poderia em muito ampliar os horizontes e trocas leitoras entre os alunos e participantes.

Na semana de véspera da segunda roda de conversa a autora esteve na biblioteca e efetuou o atendimento de todas as turmas com a respectiva exposição de livros essencialmente de imagem. Os alunos foram incentivados a conhecer o material, todavia, não foram convocados a fazer o empréstimo,

---

<sup>14</sup> Ver o poema na íntegra, retirado do livro *Liberdade Transitória Moderna*, em anexos.

apenas quem se interessou em levar levou sendo que 9 pessoas fizeram o empréstimo<sup>15</sup> o que demonstrou a premissa de Britto (2012) de que o conhecimento conduzia a leitura produzia resultados. Como destaque parte dos livros emprestados foram indicações da autora e parte dos já trabalhados em sala do Kit da PBH para a EJA 2019 e aos de outras edições do Kit.

Para realizar a 2ª roda de conversa, a autora convidou a professora Erica Lima<sup>16</sup> da Centro Cultural do Salgado Filho conhecida por ministrar oficinas com a temáticas uma das quais a própria aluna/cursista participou. Ainda que não tenha sido realizada no espaço da biblioteca, o constante resgate do atendimento feito para demonstrar o material, bem como, a reafirmação da proposta das rodas de conversa evidenciou a importância do bibliotecário se envolverem em eventos, como indicado por Rigoletto e Di Giorgi (2009) de exposições de material para prover situações coletivas de aprendizado e, portanto, qualificou pedagogicamente sua prática.

Essa segunda roda de conversa ocorreu no auditório da escola para todas as turmas simultaneamente e, o gerente do Centro Cultural do Salgado Filho, que já havia trabalhado no Centro Cultural Vila Santa Rita (cujas vilas onde fica a própria EMPIF), também esteve presente e participou. Este foi um momento importante de reconhecimento e identificação do espaço próximo a escola como recurso para viabilizar a inclusão da leitura e dos processos à ela relacionados num contexto mais amplo e, por que não, intimista aos alunos. Duas alunas, inclusive, o reconheceram por já tido frequentado o Centro Cultural Vila Santa Rita.



**Fonte:** Arquivo da autora.

---

<sup>15</sup> Volume de empréstimo médio da EJA na EMPIF.

<sup>16</sup> A professora em questão ministrou oficina de livro de imagem em evento na Biblioteca Pública Infantil e Juvenil no qual a aluna/cursista a conheceu seu trabalho. Sua escolha se deu em função igualmente do currículo da professora e da possibilidade de acionar mais um espaço para ampliar as vivências relacionadas à leitura dada a proximidade dos Centros de Cultura.

A professora Erica utilizou o *data show* para explicar sobre o livro de livro de imagem/história sem palavras e os livros que tem pouco texto e demonstrou alguns livros, fazendo a leitura só do texto e, só das imagens e, depois associando ambos em um movimento fundamentado no ensinar a ler e o ensinar a leitura de Arena (2009).

Por fim, o grande destaque feito pela palestrante é o de que este material não se destina ao público infantil embora tenha sido concebido para ele. Na atualidade, a dimensão estética que envolve a imagem e sua constituição como texto é o desafio posto para compreendermos e mediarmos o uso nosso e de nossos familiares, amigos, etc.



Fonte: Arquivo da autora/cursista.

- **3) Literatura e religião**

Fruto da apuração das respostas dos alunos quando do questionário de identificação, essa roda de conversa foi pensada e se constituiu como elemento revelador das possibilidades de acesso e uso dos textos religiosos e do texto bíblico dentro e fora da escola e, claro, da biblioteca escolar.

Inicialmente, foi enfatizado pela autora que esta roda de conversa foi definida por causa das respostas que os próprios alunos deram ao questionário aplicado, especialmente por eles terem contato com leitura e material impresso

via igreja e/ou os espaços por elas mantidos incluindo revistas e histórias em quadrinhos.

Toda a discussão na roda de conversa foi planejada e realizada dentro da fundamentação também revelada pelas proposições curriculares da EJA de Belo Horizonte (2012) quanto à promoção da leitura como atividade interativa, social e cognitiva. Foi justamente essa premissa que, constantemente retomada durante a roda de conversa, sinalizou e tranquilizou os presentes quanto ao objetivo da discussão não ser uma avaliação ou validação de credo e/ou fé.

Para a terceira roda a autora convidou o teólogo Fabrício Veliq<sup>17</sup>, filho de uma colega sua também bibliotecária, para conduzir a conversa com os presentes. A escolha de Fabrício foi motivada por sua formação acadêmica na área de religião e subsidiou a discussão mais científica da temática e, portanto, mais próxima da dimensão que foi de interesse destacar, qual seja: o acesso e uso dos textos religiosos e seu diálogo com outros tantos textos na escola e fora dela.



**Fonte:** Arquivo da autora.

As características do texto bíblico foram abordadas pelo teólogo nos seguintes aspectos: como ele se insere e se situa nas religiões, quais são suas versões, qual a organização do texto (capítulos, evangelhos, etc), suas distintas edições especialmente na atualidade para facilitar o acesso e leitura do mesmo, etc.

---

17 Para conhecer mais sobre o palestrante, doutor em teologia, acesse: <https://domtotal.com/noticia/1369404/2019/07/a-influencia-das-religoes-nos-processos-politicos/>

A autora solicitou a Fabrício que ele explicasse sobre o texto religioso e os gêneros nele presentes que são tratados no ambiente escolar. Ele explicou com detalhe e, didaticamente, sobre a constituição do texto bíblico como narrativa e não como biografia. Além disso, ele destacou a correspondência entre personagens do texto bíblicos com os de outros textos literários. Com estas intervenções, de partilha de experiências intelectuais e existenciais, foi possível acessar o pressuposto da formação de leitores indicado por Britto (2012). Os participantes, por sua vez, sentiram-se muito motivados a perguntar e a fazer questões revelando uma apropriação dos aspectos ligados à prática social da leitura.

A roda de conversa ocorreu no auditório da escola, para todas as turmas simultaneamente e, ao final, os alunos foram estimulados a procurar mais livros na biblioteca sobre o tema e, a pegar o contato dos palestrantes para conversas futuras.

- **4) Origami**

A roda de conversa envolvendo o origami foi fruto de sugestão da professora de matemática da escola que, procurou a autora após a roda de conversa do livro de imagem. Ela, professora, informou que seu mestrado na matemática<sup>18</sup> havia sido especificamente nessa temática e que, ciente da proposta desenvolvida pela aluna/cursista, ela gostaria de realizar uma atividade envolvendo a temática do origami na biblioteca. Inclusive, a professora de matemática argumentou que a ideia também foi articulada com a professora de literatura e português para tratar da lenda do Tsuru que permeia as discussões relativas ao origami.

Esta foi uma excelente oportunidade de centralizar na biblioteca, como havia indicado Annes (1975), as atividades curriculares para que a biblioteca se constituísse com um espaço de efetiva leitura.

---

<sup>18</sup> Dissertação da professora: <https://drive.google.com/file/d/1VVmkRDG--8WlbXmKRHq8WfVw6i3oidQn/view> e <https://portal.pucminas.br/pos/ensino/index-padrao.php?pagina=5600>



**Fonte:** Arquivo da autora.

Extrapolando a proposta inicial de dialogar com o disposto no plano de aula enquanto gêneros trabalhados, essa sugestão culminou na realização de outras duas rodas de conversas não previstas que foram importantes. Esta importância foi amparada igualmente, dentro da perspectiva metodológica da pesquisa ação que como o indicou Tripp (2005) enquanto mudança para melhorar e aprender mais tanto a respeito da prática quanto da própria investigação ou ação empreendida.

Logo, a primeira reação da autora foi questionar se a professora possuía cópia impressa da dissertação de mestrado e, após a confirmação, elas acordaram uma abordagem coletiva de uma atividade na biblioteca com todas as turmas, uma em cada horário, que envolveu: a realização da roda de conversa e aula da própria professora.

A aula da professora focou na construção e modelagem de dois tipos de origami, suas correspondências matemáticas, sua aplicabilidade, inclusive como marcadores de página que todos realizaram incluindo a aluna/cursista. Como se pode perceber foi uma abordagem orientada pela proposição curricular da EJA de Belo Horizonte (2012) que define o trabalho, também o com a língua, se constitua como uma atividade interativa, social e cognitiva.

As intervenções da autora, fundamentada na perspectiva de prover conhecimento para alcançar a leitura de Britto (2012) e, envolver-se na exposição de material variado em eventos coletivos de Rigoletto e Di Giorgi (2009) conduziu a roda de conversa para: demonstrações e considerações sobre a dissertação da professora; o processo de redação de uma dissertação; discussão sobre níveis de ensino – fundamental, médio, graduação, pós-graduação; editoras que publicam este material; tipo de material publicado já

que, além da dissertação (não comercial) a professora produziu dois livros paradidáticos que podem ser usados para retirar de atividades para o ensino da matemática ou estudo para provas de concurso; as prováveis utilizações dos marcadores de página e a questão da conservação dos livros (preço médio do impresso e do digital).

Os alunos ficaram bastante impressionados por verem o nome da professora nos livros e, inclusive, manifestaram ao final o desejo de ler o material, inclusive a dissertação. Outros, especialmente os mais jovens, num primeiro momento comportaram-se como se achassem que a atividade com o origami era apenas um passatempo desnecessário.

Depois de contextualizada, ainda que não tenham se envolvido completamente, extinguiram a postura de descrédito e desaprovação viabilizando, por sua vez, a atitude mais focada dos que estavam mais interessados desde o início.

Durante a realização da roda de conversa, foi mencionada a referência a um origami notadamente difundido pela via literária: a lenda do Tsuru. Alguns poucos alunos afirmaram que conheciam por terem assistido a uma peça sobre a lenda no centro cultural mas, a maioria não conhecia. Como foi também combinado com a professora de português eles foram avisados que a próxima quinta roda seria esta.

- **5) Lenda do tsuru**

A definição de uma roda de conversa envolvendo a lenda do Tsuru se mostrou providencial tanto como exploração dos textos e recursos do espaço biblioteca a partir do trabalho em sala e mediado conjuntamente pela professora e a autora, quanto da própria estrutura metodológica seguida.

Este movimento estava orientado como atividade interativa, social e cognitiva com a língua conforme disposto na proposição curricular da EJA de Belo Horizonte (2012) e amparado na indicação de Annes (1975) de centralização de atividades curriculares na biblioteca pois, a professora trabalharia o texto em sala posteriormente à roda de conversa.

A roda de conversa ocorreu dentro da biblioteca em horários já definidos para cada turma. A autora providenciou para o dia a exibição da referida lenda via vídeo<sup>19</sup> no “*youtube*”. Quando os alunos chegaram à biblioteca a encontraram as luzes apagadas e, apenas havia da tela do computador ligada sobre o balcão. Antes do vídeo, estava sendo projetada a imagem da reportagem do “O Globo”<sup>20</sup>. Além disso, duas mesas foram colocadas próximas ao balcão com livros sobre a Segunda Guerra Mundial, os efeitos da bomba atômica de Hiroshima, o câncer daí advindo, etc.



**Fonte:** Arquivo da autora.

Os alunos foram perguntados sobre o que eles estavam vendo na imagem durante a luz apagada. Na sequência, o vídeo foi também projetado. Terminada a exibição, a autora e a professora iniciaram as questões sobre o que eles haviam dito que viram na imagem e o que acharam do vídeo. Em seguida, conversamos sobre o que é a guerra; porque existem; quais são as suas consequências; o que significa dizer que a guerra aconteceu fisicamente ‘do outro lado do mundo’; o que é o ‘outro lado do mundo’; etc. A professora chamou a atenção para elementos relativos à escrita de algumas palavras que os alunos acharam curiosas, como o próprio ‘tsuru’ e combinou com os alunos a realização de registros e atividades em sala posteriormente a roda de conversa.

Ainda que não se tenha explorado por outros instrumentos ou ações conjuntas entre a autora e a professora, o ambiente criado pôde viabilizar a

---

19 O vídeo exibido foi: <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=spHzAzT06gl>

20 A imagem está no link: <https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/sobreviventes-de-bombas-atomicas-no-japao-ainda-sofrem-com-cancer-70-anos-depois-17101763>

junção da alfabetização e do letramento sendo que a primeira, na acepção de Soares (2017) desenvolve-se no contexto *de e por meio* de práticas sociais da leitura, ou seja, de letramento e, este último, somente desenvolve-se no contexto da e por meio da alfabetização - aprendizagem das relações fonema-grafema.

Depois, a aluna/cursista explicou sobre os tipos de livros que estavam dispostos nas mesas quanto: ao tipo de pesquisa/consulta a que se destina; ao tipo público que normalmente se utiliza dele e pode eventualmente se utilizar; às diferenças entre o material impresso e o digital; o grau de especificidade do material; etc. Esta intervenção visou, além de qualificar o acesso e uso da biblioteca, fornecer os mesmos subsídios para que os alunos depois, em sala, pudessem transitar com maior facilidade no movimento, indicado por Arena (2009) de ensinar a ler e ensinar a leitura.

Após as explicações, parte dos alunos manifestou o desejo de folhear e conhecer um pouco mais sobre o material exposto. Eles também fizeram questões que evidenciaram que todo o esforço, como indicaram por Rigoletto e Di Giorgi (2009), de que o bibliotecário invista em ações de exposições de material variado era uma ação que podia e produzia situações e trocas coletivas de aprendizado.

- **Questionário de avaliação**

A realização do questionário final, embora não prevista inicialmente enquanto fase do projeto realizado, foi pensada para situar os participantes quanto ao término das ações e para incitá-los a se colocarem como sujeitos de uma ação que previa a partilha e a convivência.

Como se pode perceber, a atitude internalizada de transmissão, enquanto proposta de ensino e aprendizagem, ainda norteava a previsão de ações mesmo numa proposta que almejava a troca e vivência e no espaço da biblioteca escolar. A regulação nesse caso encontrou embasamento na metodologia da *pesquisa-ação* indicada por Tripp (2005) relacionada ao aprendizado que se constrói no decorrer do processo aprendendo tanto a respeito da prática quanto da própria investigação.

Solicitada para todos os participantes, foi possível identificar resultados que evidenciaram a qualificação do acesso e uso da biblioteca escolar como espaço de convivência integrado à sala de aula e pautadas pela alfabetização, letramento e leitura. A guiza de exemplificação, como se pode observar abaixo, os participantes, alunos ou não, identificaram os efeitos produzidos:

- pela mediação, especialmente a bibliotecária, confirmando a orientação de Rigoletto e Di Giorgi (2009) de investir em ações de exposições de material variado em situações coletivas de aprendizado:

"A mediação é perfeita, tendo percebido que a forma com a qual as atividades vem sendo executadas tem despertado o interesse dos estudantes."

"Vejo a bibliotecária bem participativa e interessada em levantara as discussões, julgo que temos que levar o estudantes a buscarem novos conhecimentos e possibilidades de leitura."

- da importância de se acessar e usar material diversificado na premissa de Rigoletto e Di Giorgi (2009); de partilhar as discussões e experiências para efetivar a prática social da leitura replicando, inclusive em outros espaços - eventos como preconizado por Brito, Soares (2017):

"Sim, nós ajudou muito até no salão do livro em que fomos."

"Sim, nós ajuda a escolher um livro de acordo com a nossa vontade e não no escuro como antes, facilita a busca a um livro ."

"Sim, com isso aprendi a gostar de ler."

"Me [sic] despertou interesses para poder ler nai [sic] sobre diversos assuntos."

- a confirmação da biblioteca como espaço não estanque mas de leitura como prática social apostado na convivência como genuíno movimento de Arena (2009) de ensinar a ler e ensinar a leitura:

"Nos oferecer mais horas de dedicação dentro da biblioteca.

"Mais histórias que não conhecemos.

"Mais dinâmicas."

"Iremos mais vezes nela para fazer atividades, fazer trabalho de sala usando os livros."

"Uma boa atividade para os alunos que cada vez que estuda aprende mais."

Como ocorreu quando da realização do primeiro questionário, outros aspectos foram destacados no questionário de avaliação como: a sugestão de temas a serem abordados; a indicação de livros e tipos de livros para incluir na biblioteca; a indicação de rearranjo físico para melhorar a utilização e o conforto no uso da biblioteca.

Não obstante, o tempo hábil para discutir com maior profundidade outros aspectos não justificou o investimento.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício de organizar e promover um acesso e uso qualificado da biblioteca escolar para os alunos da EJA na perspectiva da alfabetização, letramento e leitura e, portanto, integrado ao trabalho docente, produziu resultados positivos e encorajadores e, igualmente, alguns desafios.

Estes resultados evidenciaram a importância de se fundamentar um trabalho na e via biblioteca escolar que, sendo pedagógico, pode se habilitar e se desenvolver para constituir o tão ansiado espaço de leitura nas escolas.

Quando se fala em espaço de leitura, de maneira objetiva, para aqueles lugares em que já se tenham superado questões ligadas à materialidade, têm-se pensado e planejado bibliotecas que estejam disponíveis – organizadas tecnicamente e abertas – para uso pontual dos alunos ou das turmas. Além disso, demandados por ações de promoção da leitura, estas intervenções têm-se constituído como principal ou mais contundente recurso de parte das bibliotecas para envolver o alunado e, em menor prioridade, os docentes e a comunidade escolar.

No entanto, para que as bibliotecas das escolas possam de fato se tornar os desejados espaços de leitura, o que transcende em muito o lugar físico puro e simples e sua materialidade, é necessário conhecer e planejar ações fundamentadas e em franco diálogo com os processos de ensino e aprendizagem. Por esta razão, é preciso admitir o espaço de leitura como aquele amparado em um trabalho específico que se situa e promove, a partir dos recursos físico/materiais, a prática social da leitura. Dessa forma, independente da modalidade de ensino, mesmo a que ocorreu neste trabalho e que alterou escola, grupo de alunos e plano de aula utilizado, o primordial é a viabilização da leitura enquanto prática social.

Logo, não se trata apenas de pensar e planejar a biblioteca como escolar porque, estando inserida na escola, ela precisa dar suporte às atividades que aí se desenvolvem ou pontualmente propor/envolver-se em eventos de promoção do livro/da leitura/da própria biblioteca. Trata-se de conhecer e aplicar, de forma integrada, os embasamentos teóricos de processos educativos de ensino e aprendizagem que, no caso específico deste

trabalho, privilegiaram os relativos à alfabetização, letramento e leitura. Ensinar o uso da biblioteca escolar para ensinar o uso de outros tipos de biblioteca, ensinar a ler, ensinar a leitura não podem e não devem ser processos estanques e lineares. É possível, sim, integrar diferentes contribuições e olhares, todos tendo como referência os pressupostos da alfabetização, letramento e leitura.

Enquanto resultados positivos e encorajadores, a apropriação da biblioteca escolar e a conseqüente percepção e avaliação do espaço e recursos após o trabalho desenvolvido como uma real e boa possibilidade de acesso e uso revelou a importância e a validade da intervenção feita.

Por outro lado, o diálogo com a sala de aula, organizado a partir do plano da professora de português, produziu mais sentido, contexto e direção para que os alunos se organizassem e acionassem a biblioteca e seus recursos, conduzindo e situando melhor suas escolhas de antes e dali em diante.

Os momentos de vivência e convivência propiciados pelas rodas de conversas situaram-se como recurso de ampliação das possibilidades relativas ao desenvolvimento de um percurso da leitura, seja pelas temáticas tratadas e/ou pelas interações entre os palestrantes convidados e todos nós. Dialogar com as demandas dos alunos, em razão do ensino/aprendizagem foi decisivo para ampliar, mais que as próprias condições convencionais de empréstimo, os princípios que viabilizam um trabalho de biblioteca mais efetivo para a EJA.

Além desses efeitos positivos, que foram alvo do questionamento inicial em que se baseou este trabalho, alguns desafios como os indicados acima, ficaram evidenciados.

Um deles diz respeito à criação de uma demanda de acesso e uso que dependerá de uma reorganização do atual quadro de pessoal que atua na biblioteca. Durante todo o trabalho, muitas foram as dificuldades de acompanhamento dos efeitos produzidos antes e depois das rodas de conversas dado a impossibilidade de abertura da biblioteca pelo AEE e registro de demandas de empréstimos, devoluções, sugestões, tipos de livros normalmente consultados, etc. O atual quadro de AEE acabou com a lotação específica de pessoal na biblioteca e, recorrentemente, ocorrem problemas de

deslocamento de pessoal para esta dado o acúmulo de trabalho em outros setores. É importante destacar que o problema não é apenas de ordem logística e administrativa, mas os efeitos de não se ter um profissional referência no espaço inviabiliza, e muito, a consolidação de uma proposta qualificada de acesso e uso da biblioteca. Isto porque, para cumprir um planejamento desta envergadura não basta estar na biblioteca 2 ou 4 horas por dia e ter que se deslocar para outro espaço e trabalho. É preciso dedicação, organização e acompanhamento.

Outro desafio encontrado na realização do trabalho foi o da integração completa ao currículo. Ainda que baseado no plano de aula da professora de português, questões relativas ao acompanhar sistemática e sequencialmente o planejamento; como explorar os recursos apreendidos na biblioteca para efeito de avaliação em sala; receber *feed back* da evolução dos alunos para revisar e reavaliar as ações e os materiais; como e quando integrar as demais disciplinas; tempos e espaços da modalidade EJA; etc poderiam e muito ter contribuído para uma ação mais concreta e duradoura. Entretanto, avalio que este desafio situa-se para além da escola e alunos em questão. Este é um desafio de um modelo de ensino-aprendizagem que, abraçado por uma rede ou redes de escolas será proveitoso e enriquecedor como a experiência assim demonstrou.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIN, Galeno. *Retratos da leitura no Brasil*. Imprensa Oficial: São Paulo, 2008. Disponível em: <http://livraria.imprensaoficial.com.br/media/ebooks/12.0.813.460.pdf>. Acesso em: agosto/2019.

ANNES, Maria Ruth Barros. *Biblioteca escolar: centro de recursos a serviço de educação na escola de 1º grau*. Dissertação (Mestrado em Educação – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), 1975. 186 f.

ARENA, Dagoberto Buim. *Leitura no espaço da biblioteca*. In: SOUZA, Renata Junqueira de. *Biblioteca Escolar e Práticas Educativas: o mediador em formação*. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2009.

BELO HORIZONTE. *Desafios da formação: Proposições Curriculares: EJA – Textos introdutórios*. Belo Horizonte: SMED, 2012.

CARVALHO, Maria da Conceição. A formação literária do jovem leitor. *CRB 6 Informa*. Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 8-11, 2012.

BRITTO, Luiz Percival P. L. *Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio*. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2012.

BRITTO, Luiz Percival P. L. *Leitura e formação na educação escolar: algumas considerações inevitáveis*. In: SOUZA, Renata Junqueira de. *Biblioteca Escolar e Práticas Educativas: o mediador em formação*. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2009.

LEMOS, Silene Soares. *A participação da família em práticas de leitura literária*. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Processos de Alfabetização e Letramento - Faculdade de Educação da UFMG, 2015) 40 f.

MAGALHÃES, Maria Helena de Andrade. *Leitura recreativa na escola de 1º grau da rede oficial municipal de ensino de Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia - Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1980) 117 f.

MOREIRA, Juliana A.; SIRIHAL DUARTE, Adriana Bogliolo. Práticas educativas bibliotecárias de formação de leitor. *Biblioteca Escolar em Revista*, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 27-44, 2014. Disponível em:< <http://revistas.ffclrp.usp.br/>>.

SANTOS, Lília Virgínia Martins. *O Programa de Bibliotecas da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte*. 2007. Disponível em: [http://www.google.com.br/url?q=http://cdij.pgr.mpf.gov.br/noticias/palestra\\_cbbd/P2\\_A2.pdf&sa=U&ei=EKPRUP6zHoyu8QSDu4HYDw&ved=0CBYQFjAB&sig2=t0EvpCFSf3ObSRdF4R\\_z9Q&usq=AFQjCNHA6lKArIjo3UQ34jO\\_tzzl420lLq](http://www.google.com.br/url?q=http://cdij.pgr.mpf.gov.br/noticias/palestra_cbbd/P2_A2.pdf&sa=U&ei=EKPRUP6zHoyu8QSDu4HYDw&ved=0CBYQFjAB&sig2=t0EvpCFSf3ObSRdF4R_z9Q&usq=AFQjCNHA6lKArIjo3UQ34jO_tzzl420lLq)>. Acesso em: 16 dez. 2012.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. *Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Presidente Itamar Franco*. Belo Horizonte, 2015. Não publicado.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. *Projeto Político Pedagógico da EJA da Escola Municipal Presidente Itamar Franco*. Belo Horizonte, 2015. Não publicado.

SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização*: Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

RIGOLETO, Ana Paula Cardoso; DI GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini. *Outros parceiros na biblioteca escolar: democratização e incentivo à leitura*. In: SOUZA, Renata Junqueira de. *Biblioteca Escolar e Práticas Educativas: o mediador em formação*. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2009.

TRIPP, David. Pesquisa ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/>

## 5. APÊNDICES

### QUESTIONÁRIO ALUNOS EJA – ALFABETIZAÇÃO Jovens/ Adultos

NOME: .....Turma:.....

1) Tem algum livro ou livros em casa? Qual ou quais?
2) Já leu ou lê algum desse ou desses livros que tem em casa? Qual ou quais?
3) Frequenta algum lugar que tenha livros - biblioteca escolar ou pública, igreja, livraria, casa de parentes, etc? Qual ou quais?
4) Conhece algum tipo de livro? Qual ou quais?
5) Gosta de algum tipo de livro? Qual ou quais?
6) Já pediu para alguém comprar algum livro? Você já comprou? Qual ou quais?
7) Precisa ler alguma coisa durante o dia - Notícias de jornal, mensagem de celular, livro, etc?
8) Já foi a biblioteca da escola esse ano? Para quê?
9) Já pegou algum livro emprestado na biblioteca da escola esse ano? Qual e por quê?
10) Como escolhe ou escolheria o livro que pegaria emprestado ?
11) Alguém lê ou indica algum livro para você pegar? Quem?
12) Gostaria de participar de encontros na biblioteca da escola aos sábados?
13) Observações (se quiser apontar).

AVALIAÇÃO – RODAS DE CONVERSAS na e via Biblioteca

NOME: .....Turma:.....

Gostou de alguma roda de conversa: Poesia, Imagem, Literatura e Religião, Origami e Tsuru? Gostou dos palestrantes? Pegou o contato deles?

Gostaria que tivesse outra roda de conversa?

O que foi conversado e, o material apresentado, ajudou/contribuiu de alguma forma para o seu estudo?

Conversar sobre textos, livros, tipos de livros e outros materiais/assuntos pode facilitar ou facilita a sua forma de buscar um livro para pegar seja na biblioteca escolar ou em outro espaço?

O que a biblioteca pode oferecer para ser considerada melhor?

## 6. ANEXOS

### Plano de Aula

<b>Plano de aula</b>		
Disciplina: Português e Literatura		Modalidade: EJA
<b>CONTEÚDOS</b>	<b>COMPETÊNCIAS</b>	<b>HABILIDADES</b>
<p>Gêneros textuais e literários;</p> <p>Autores, textos e estilos de época no Brasil (crônicas extraídas dos livros Veríssimo, poemas de Cora Coralina, o conto brasileiro, etc);</p> <p>Classes de palavras (substantivos, artigos, adjetivos);</p> <p>Sinais de pontuação;</p> <p>Regularidades ortográficas</p>	<p>Identificar distintos gêneros discursivos;</p> <p>Identificar gêneros discursivos mais presentes no dia-a-dia;</p> <p>Identificar diferentes classes de palavras nos textos utilizados em sala e fora dela;</p> <p>Localizar e utilizar pontuações recorrentes conforme os textos mais utilizados em sala e fora dela;</p> <p>Compreender e interpretar textos escritos que circulam na sociedade e perceber diferentes dimensões da leitura;</p> <p>Reconhecer as diversas manifestações artísticas e diferentes linguagens;</p>	<p>Diferenciar gêneros discursivos;</p> <p>Identificar autores e suas produções;</p> <p>Discutir as diferentes intencionalidades dos textos;</p> <p>Ler, interpretar, apreciar e diferentes textos literários e não literários;</p> <p>Reconhecer situações de uso da linguagem formal e informal e aplicá-las corretamente nos textos produzidos por escrito e oralmente;</p> <p>Exercitar a leitura oral;</p> <p>Participar de situações de leitura compartilhada exercitando a fruição leitora;</p> <p>Levantar hipóteses para a escrita correta de algumas palavras;</p> <p>Identificar e corrigir, com autonomia, questões ortográficas já sistematizadas</p>

## POESIA

### HUMANIDADE

Humano que luta,  
Sobrevive no mato,  
Humano com conduta,  
De estranho contato.

Humano que crê,  
Busca o Criador,  
Humano que não vê  
Seu dia que se apagou.

Humano que se mata,  
Todo tempo trabalha,  
Humano sem farda  
Vivendo a batalha.

Humano criminal,  
Não consegue pensar,  
Humano que está mal,  
Logo vai se cansar.

Humano pode mudar,  
Humano pode vencer,  
Humano pode amar,  
Humano pode reviver...

BELO HORIZONTE, 30 DE MAIO DE 2014, 06h23

Fonte: Moisés, Advaílton. **Liberdade transitória moderna**. Ibirité: Poesias Escolhidas Editora, 2016. p. 42.